



APRESENTAÇÃO DE DOSSIÊ

Gênero e Sexualidade: novas perspectivas e intersecções sobre experiências indisciplinadas

Cássio Bruno de Araujo Rocha, *Universidade Federal de Minas Gerais*
Natanael de Freitas Silva, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
Rafael França Gonçalves dos Santos, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*

Durante muito tempo as ciências humanas foram conduzidas por homens brancos, cisgêneros e heteronormativos, e voltadas às narrativas sobre as aventuras de um sujeito social e histórico similar. Desde há pelo menos quatro décadas, e hoje principalmente, podemos dizer que o campo dos estudos de gênero e da sexualidade tem rompido as amarras do pensamento heterossexual (Wittig, 2022) e, quanto ao gênero, tem se tornado cada vez mais indisciplinado (Oliveira, 2019).

No Brasil, desde os anos 1980 e, principalmente, 1990, os estudos das relações de gênero e da sexualidade têm se constituído em um amplo e complexo campo de investigação dos modos de construção das subjetividades, corporalidades e sexualidades. Com as contribuições de Joan Scott (1990), Judith Butler (2013) e Raewyn Connell (1995, 2015), expandiram-se ainda mais o vocabulário, as possibilidades de interpretação dos fatos, o corpus documental, analítico e teórico. Adensaram-se as análises sobre temas e sujeitos, até então, escamoteados pelas narrativas hegemônicas, tais como a sexualidade, a história da vida privada e do cotidiano, do amor e amizades, da família, da infância, entre tantos outros (Rago, 1998).



Se, inicialmente, o gênero foi entendido como sinônimo de “mulher”, na contemporaneidade, abordar as questões de gênero significa ampliar o foco das “mulheres” para o processo histórico de construção das “relações entre homens e mulheres, mas também entre mulheres e entre homens.” (Pedro, 2011). Assim, além das mulheres, os homens passaram a ser compreendidos também como sujeitos de gênero (Connell, 2005, Albuquerque Júnior, 2013).

Na esteira dessa complexificação analítica, e assumindo seu caráter marcadamente político, vimos emergir as problematizações sobre a cisgeneridade e a transgeneridade, reconhecidas em sua dimensão histórica e cultural no processo de produção e significação dos corpos sexuados e generificados. Essa insurgente perspectiva trans assume o enfrentamento levado a cabo por pesquisadores e pesquisadoras, no sentido de problematizar as naturalizações produzidas para e sobre as inconformidades e as conformidades de gênero e sexualidade em relação ao cis-tema (sistema) hetero-normativo (Stryker, 2008; Lopes, 2018).

Assim, a desconstrução dos binarismos que polarizam os gêneros, as sexualidades e as corporalidades permitiu a percepção da multiplicidade de mulheres, mas também possibilitou o desenvolvimento dos estudos das masculinidades, ambas as temáticas consideradas em uma perspectiva interseccional. Ou seja, o desabrochar, fortalecimento e difusão dos estudos das subalternidades chamaram atenção para o problema das diferenças dentro das diferenças, isto é, para a importância de análises que articulam os vários eixos ou critérios de diferença, conjugando gênero, raça, classe, entre outros, em análises interseccionais.

Consolidando a utilização do gênero como uma categoria útil à análise histórica, Scott ressaltou a importância de se investigar como o gênero é um sentido primário das relações de poder e um pressuposto das instituições sociais, de maneira tal, que o seu emprego se tornou pertinente aos variados campos de investigação social, histórica e antropológica. Tratou-se de uma contribuição crucial para abrir vários campos até então reticentes a uma análise generificada, rompendo os limites do *gueto epistemológico* em que os estudos de gênero corriam o risco de ser encerrados.



É no sentido dessa abertura à pluralidade de áreas de pesquisa, assim como de objetos e recortes temporais, que o dossiê temático **“Gênero e Sexualidade: novas perspectivas e intersecções sobre experiências indisciplinadas”** apresenta uma seleção importante de textos que problematizam os modos como os gêneros são produzidos, inventados e borrados nas áreas de saber das ciências humanas e sociais, abordando temas como histórias das mulheres e dos homens, das feminilidades, das masculinidades e de dissidências à matriz cis-heteronormativa.

Dessa maneira, no volume primeiro desse dossiê, reuniu-se um conjunto de oito artigos que foram congregados sob o eixo **Movimentos sociais, políticas de saúde e a conquista de direitos – gênero e sexualidade em questão**. Tal escolha se deu, porque, nas últimas décadas, aquilo que convencionamos chamar de o movimento social LGBTQIA+(Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Pessoas Intersexo, Assexuais e outras identidades sexo-gênero dissidentes) atuou diretamente na defesa pela conquista e consolidação de importantes direitos civis para essa população, somando-se aos esforços de outros movimentos sociais, especialmente as várias correntes do feminismo e suas intersecções com o movimento negro.

Desde 2013, foi conquistado o direito ao casamento civil igualitário e, mais recentemente, em 2019, em mais uma decisão do Supremo Tribunal Federal, conquistou-se a equiparação da LGBTQIA+fobia ao crime de racismo. Essas, ainda incipientes, conquistas de Direitos são resultado, sem dúvida, da atuação dos movimentos sociais, da sociedade civil e também de parlamentares comprometidos com os Direitos Humanos em sua completude - em uma luta para não só conquistar esses direitos, mas para consagrá-los como auto-evidentes (Hunt, 2009).



Por sua vez, o Sistema Único de Saúde (SUS) tem sido de fundamental importância no atendimento da população LGBTQIA+, principalmente na implementação da Política Nacional de Saúde Integral LGBTQIA+ pelo Ministério da Saúde, em 2010, assim como na criação do Sistema Nacional de Promoção de Direitos e Enfrentamento à Violência contra LGBTQIA+, em 2013.

Esses são alguns dos indícios que confirmam a importância da produção analítica comprometida em assumir as questões de gênero e sexualidade em tanto que categorias capazes de contribuir à explicação da realidade social. Nesse tempo presente, temos encontrado muitas pesquisadoras e pesquisadores que se engajam nesse desafio. Os textos apresentados a seguir são uma amostra dessa capacidade reflexiva.

Em **Representações sociais e interseccionalidades de gênero, classe social e raça: processos reprodutivos de mulheres atendidas na assistência social**, a partir da Psicologia Social Crítica, se investigou as representações sociais mobilizadas pelos agentes profissionais nos processos reprodutivos de mulheres atendidas em serviços do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). O texto conclui que as representações sociais das profissionais sobre os processos reprodutivos das mulheres atendidas ainda estão associadas à noção tradicional de família, à maternidade e ao controle de natalidade, existindo pouca articulação entre gênero, classe e raça.

Práticas pedagógicas de gênero e sexualidade em uma instituição especializada na deficiência visual é um texto que apresenta uma avaliação das práticas pedagógicas mobilizadas por dois professores oriundos do Instituto Benjamin Constant, instituição especializada e referência no atendimento a pessoas deficientes visuais. São apresentadas as experiências decorrentes dos projetos “Roda de Conversa” nos anos iniciais e “Caminhos da Inclusão: sexualidade, aids e deficiência” nos anos finais do ensino fundamental, entre os anos de 2018 e 2019, na mesma instituição.



Em **“Eles aceitam esses gays todos pra um dia fazer uma sessão de cura com todo mundo”**: afetações da religião em uma pesquisa sobre masculinidades, a partir das teorizações sobre performatividade de gênero e suas interseccionalidades e das afetações da religião na construção dos sentidos de masculinidades, investiga-se como ocorrem as disputas pelo controle e regulação de masculinidades não heterossexuais em seus espaços de sociabilidade, principalmente entre os jovens.

Os níveis de vulnerabilidade social que mulheres trans estão sujeitas no âmbito das relações de trabalho e prostituição é o tema central de **As relações entre gênero, trabalho e prostituição: a saúde mental da mulher transgênero em situação de vulnerabilidade social no Brasil**. Uma das contribuições deste texto é apontar a necessidade de políticas públicas adequadas para essa população no âmbito dos Direitos Humanos e no acesso ao mercado formal de trabalho.

O documentário “Xá de Flor é uma canção” (1993) de Maria Dias e Cristina Diôgo é analisado com cuidado e atenção **Bar Xá de Flor, 30 anos depois: alquimias queer no cinema do Cariri cearense**. Articulando o cinema, a festa e a memória, o texto evidencia a existência de uma personagem homossexual no espaço-temporal interiorano na região do Cariri cearense.

Já em **Trans-identidades e a epistemologia da diferença sexual: sinais e espaços de vulnerabilidade sociojurídica** o discurso normalizante da sexualidade e suas incidências sobre as trans-identidades são problematizados como elementos chave para a produção de condições de vida precarizadas e vulnerabilizadas.

A arte da escrita também está presente em **“O sexo é impenetrável”**: Um breve ensaio de leitura (in)disciplinada. A partir das observações de José Miguel Winsnik à carta em que Mário de Andrade relata sua homossexualidade à Manuel Bandeira, discute-se táticas e estratégias discursivas de elaboração e enunciação da sexualidade em regimes de rechaço das dissidências sexuais, de gênero e de masculinidade.

O apagamento de histórias e memórias é refletido em **Memórias LGBTQIA+ no Brasil contemporâneo: disputas por silenciar e resistir**. O texto apresenta uma reflexão ensaística sobre ações de exclusão de existências e de eliminação de registros históricos e artísticos dos movimentos LGBTQIA+. Entre os diversos questionamentos, procura responder à pergunta: como o fechamento de museus e exposições



artísticas instaura disputas de resistência e apagamentos de memórias LGBTQIA+ no Brasil?

Em suas variadas abordagens, todos os textos questionam as formas de existência e resistência da população LGBTQIA+ no Brasil em momentos outros do passado histórico e, em particular, nas suas lutas contemporâneas. Trata-se de articular direitos e políticas capazes de alcançar os grupos sociais antes invisíveis ao Estado, o que resultava em desigual e precário acesso a direitos, políticas e instituições públicas.

Os artigos destacam como o existir LGBTQIA+ é em si uma luta cotidiana para as pessoas divergentes das normas do sistema sexo-gênero, agravando-se a situação ao proceder-se a análises interseccionais (presentes na maioria dos textos do dossiê). O que sugere, fortemente, que a conquista de direitos e a consequente construção de políticas públicas para materializar o acesso cotidiano a eles demanda um olhar múltiplo e aberto às diferenças que habitam as grandes categorias de diferença.

Além disso, os textos apontam para as persistências de violências, desigualdades e relações de dominação da ordem de gênero tradicional, patriarcal e do regime moderno da sexualidade, ameaçando direitos adquiridos e que se presumia como consolidados como auto-evidentes, bloqueando a expansão de uma real cidadania para as populações minorizadas e políticas públicas gestadas sob uma perspectiva interseccional. Consequentemente, a constatação da necessidade premente da continuidade da luta e da reflexão intelectual sobre esses temas é a contribuição final e, talvez, mais importante, do Dossiê.

Referências:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920 / 1940)*. 2ª Edição. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O passado, como falo?: o corpo sensível como um ausente na escrita da história. In: _____. *O Tecelão dos Tempos, novos ensaios de teoria da história*. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 39-56.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.



- _____. *Masculinities*. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2005.
- _____. Veinte años después: Masculinidades hegemónicas y el sur global. In: MADRID, Sebastián; VALDÉS, Teresa; CELEDÓN, Roberto. (Orgs.). *Masculinidades em América Latina: veinte años de estudios y políticas para la igualdad de género*. 2020, p. 37-58.
- _____; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos Feministas, Florianópolis, v., n. 21, p. 241-282, jan./abr. 2013.
- _____. Questões de gênero e justiça social. Século XXI, *Revista de Ciências Sociais*, Rio Grande do Sul, v. 4, n. 2, p.11-48, jan./jun. 2014.
- _____; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: Versos, 2015.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos. Uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- LOPES, Fábio Henrique. Cisgeneridade e historiografia. Um debate necessário. In: NETO, Miguel Rodrigues de Sousa; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. (Orgs.). *História e teoria queer*. Salvador, BA: Editora Devires, 2018, p. 77-100.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, História e Educação: construção e desconstrução*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n.2, p. 101-132, 1995.
- MAGALHÃES GOMES, Camilla de. Gênero como categoria de análise decolonial. *Civitas* (Porto Alegre), v. 18, p. 65-82, 2018.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. A história disciplinada e seus outros: reflexões sobre as (in)utilidades de uma categoria. In: AVILA, Arthur Lima de; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo. (Orgs.). *A história (in)disciplinada. Teoria, ensino e difusão do conhecimento histórico*. Vitória, ES: Editora Milfontes, 2019, p. 53-72.
- PEDRO, Joana. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, v. 12, n. 22, jan-jun, p. 270-283, 2011.
- RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu* (11), p. 89-98, 1998.
- ROCHA, Cássio Bruno Araujo. Identidades narrativas e performatividade de gênero: cruzamentos conceituais possíveis após a morte do sujeito. *Revista Gênero*, v. 19, p. 025-044, 2018.
- _____. Teoria Queer entre a Pós- modernidade e o Presentismo: um caminho crítico possível?. *Revista Periódicus*, 1(6), 2016, p. 212–240.



SANTOS, Rafael França Gonçalves dos. De “bonecas transformistas” a LGBTs ativistas: histórias, narrativas e existências em uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, 1970-2017. *ANOS 90 (ONLINE)* (PORTO ALEGRE), v. 27, 2020, p. 1-17.

SILVA, Natanael de Freitas. Intersecções do e no masculino: subalternização e vulnerabilidades das masculinidades negras. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, v. 5, 2022, p. 201-229.

_____. História e Teoria Queer: novos olhares. *Fênix (UFU. Online)*, v. 17, 2020, p. 724-729.

STRYKER, Susan. *Transgender history*. Berkeley, CA: Seal Press, 2008.

WITTING, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Trad. Máira Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

Cássio Bruno de Araujo ROCHA

Doutor, Mestre e Licenciado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem mais de vinte textos publicados tratando de temas como, teoria queer, masculinidades, sodomia e Inquisição. É professor de História na Educação Básica em Betim, MG. Também é autor do livro “Masculinidades e Inquisição: gênero e sexualidade na América Portuguesa”, lançado em 2016.

Natanael de Freitas SILVA

Doutor, Mestre e Licenciado em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Integra o grupo de pesquisa LabQueer (Laboratório de estudos das relações de gênero, masculinidades e transgêneros) na linha de pesquisa -Masculinidades e homossexualidades. Tem mais de vinte textos publicados tratando de temas como, masculinidades, ditadura, ensino de história e relações de gênero.

Rafael França Gonçalves dos SANTOS

Doutor em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - Darcy Ribeiro e licenciado em História pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase. É professor de História na Educação Básica em Campos dos Goytacazes e Tutor a distância no Consórcio CEDERJ - UENF. Pesquisador do LabQueer - Laboratório de



estudos das relações de gênero, masculinidades e transgêneros da UFRRJ, e do Atelier de Estudos de Gênero (ATEGEN), da UENF. Tem mais de quinze textos publicados tratando de temas como, amizades, masculinidades, vivências e experiências trans e ativismo LGBT. Também é autor do livro “As aparências enganam? A arte do fazer-se travesti”, lançado em 2015.

Recebido em: 24/01/2024

Aprovado em: 01/02/2024